

Amor, ódio e ignorância¹

Ana Virginia Nion Rizzi²

Para celebrar o Colóquio Internacional de Convergencia, organizado desde a Ceba, com o argumento Amor, ódio e Ignorância nos remete a temática crucial, atual no âmbito do involucramento das instituições psicanalíticas na polis. A psicanálise tem sofrido maior permeabilidade dos efeitos nocivos de outros discursos não analíticos. Isto implica que o discurso analítico bebe das águas de outros, mas o interessante radica em que possa trazê-la para “o seu moinho”. O discurso analítico pode vir a transitar em campos diferentes, mas o borramento da diferença poderá evocar talvez uma caída, ou uma expulsão do nosso próprio campo.

A exacerbação dos afetos por leituras sociais trazem consequências, as quais merecem serem retomados os conceitos, agora sim fundamentais. Com isto não estou apontando a que se liquidem as paixões, porque disto nos ocupamos cotidianamente em nossa clínica.

Merece atenção nos determos no “[...] alcançar em seu horizonte a subjetividade de sua época.” (Lacan, 1953/1998, p. 322) e fazer a diferenciação necessária de que esta afirmação Lacaniana não é sinônimo de identificação, muito menos a estar permeáveis e sensíveis a toda e qualquer demanda da “atualidade da época”, e se não respondemos “sensivelmente”, poderia parecer que estaríamos pisando na ignorância.

Operar por amor e não com o discurso analítico pode trazer uma continuação de outros discursos, debilitantes da psicanálise. Amor, entendido como pulsão de eros onde se acrescenta, se enlaça e incorpora pode mostrar a cara mortífera.

Com a incorporação, na continuidade de bordas, se homogeneizam os discursos dando a falsa impressão de responder de maneira diferente a este momento que alguns o chamam como “novo”, “atual”. Este “novo e atual”, que é falado, pode ter como efeito a extinção de marcas simbólicas que davam uma identificação ou identidade ao discurso.

¹ Texto apresentado no Colóquio Internacional de Convergencia: Movimento Lacaniano para Psicanálise Freudiana “Amor, ódio, ignorância”. Buenos Aires 2024.

² Psicanalista, Membro de Maiêutica Florianópolis-Instituição Psicanalítica.

Pensar em refazer o nó, ou poder se deter de quê falamos quando nos referimos aos conceitos fundamentais, não implica na expulsão nem incorporação, implica em reconhecer que estamos dentro porque a matéria que constitui o saber analítico está feita da mesma argila, das mesmas *mots*, da mesma *matéria*.

O amor, ódio e ignorância, permite trabalhar certos avatares, e desdobramentos que gostaríamos desde Maiêutica nos deter para pensar os limites de intromissão e as consequências de adentrar em discursos outros que não seja a psicanálise: Discursos sociológicos ou filosóficos, políticos, ao preço de abandonar a psicanálise. Quando falo da intromissão, não estou apontando a que não se pode fazer, estou apontando a tentar renomear. Não é uma ideia asséptica, trazida desde o nazismo de separar a ponto de exterminar o diferente. Trata-se de poder pensar, significar, em dar nomes e de poder fazer o nó novamente, isto é poder colocar em causa a psicanálise. Colocar em causa é dizer que há um objeto e um alvo. Entre um e outro é impossível articulá-los:

“É o efeito que põe sombra a prática da psicanálise - cuja terminação, o objeto, o alvo mesmo verificam-se inarticuláveis depois de, pelo menos, meio século de experiência continuada”. (Lacan, 1968, p. 6) Esta relação implica numa tensão benéfica para continuar a produzir. A práxis analítica vai fracassar, embora possa parecer uma visão pessimista a primeira vista, implica que sempre vai poder causar-se novamente porque há sempre um resto.

Detenho-me para poder novamente revisar, falar e discutir o que é que estamos falando quando colocamos significantes que vem sendo enaltecidos após a pandemia: entidades, movimentos, ações, ativismos que promovem formas onde a psicanálise alcance aos grupos de maior vulnerabilidade social.

A psicanálise não está fora do mundo, está no imundo das relações também com os pares.

“O que funciona é o mundo. O real é o que não funciona. O mundo caminha, gira em círculo, é sua função de mundo. Para se aperceber de que não há mundo, ou seja, que há coisas em que apenas os imbecis acreditam no mundo, basta observar que há coisas que fazem que o mundo seja imundo, se assim posso me exprimir. E disso que se ocupam os analistas, de modo que, ao contrário do que se acreditam, eles são muito mais confrontados ao real que os próprios cientistas. Eles só se ocupam disso. (Lacan, o triunfo da religião p. 63)

Aqui também se erige uma instituição, não com um viés asséptico e excludente, estou fazendo referência aos limites da psicanálise na sua função de transmissão. Os limites se colocam a prova, isto é poder saber se estamos dentro de um discurso psicanalítico, há que se fazer esta pergunta. Colocar em questão me parece que é arriscar e poder “ler” os pontos de tensionamento e determos a exacerbação dos afetos para tentar refazer aquilo que causa a psicanálise na instituição, pretensamente analítica.

As encruzilhadas institucionais, isto é uma aposta para tangenciar e testemunhar a falha. A falha do desencontro, a falha do mal - estar, a falha que precisamos identificar. O aparecimento de movimentos com um caráter de militância onde os afetos se manifestam de forma a promover pouco o discurso psicanalítico e a práxis. Que a militância aconteça num âmbito universitário, é esperável, porém, no âmbito onde se trabalha com a prática analítica, é outra questão. O que dizer de uma instituição que se pretende analítica, se declarar partidária não dando lugar às diferenças? Não estaria o risco de perder a psicanálise? Prática esta que vai ao encontro ao/desde/com o real, sendo imprescindível a sustentação da mesma. Quando há uma pregnância de imaginário de ideias salvacionistas a respeito do mundo, coloca em xeque a própria psicanálise. Se fossemos por este viés estaríamos dando um lugar de maior importância aos registros simbólico e imaginário, não considerando o real conforme a proposta pelo último Lacan quando refere ao RSI, a heresia, a ênfase no Real.

Sustentar o discurso do inconsciente na instituição é dar suporte, para a formação do analista. Poder fazer o nó, fazer existir algo que corte aquilo que insiste desde o ódioamorção. Trabalhar desde o Real onde ordene e faça nó é manter a chama viva para continuar a trabalhar.

Ser mal falados é meritório, os judeus sempre foram mal falados, porque não são bonzinhos (Lacan,1975), recolocar as coisas nos seus lugares implica em fazer jus a interdição do incesto, buraco do simbólico que é estrutural. Ainda mais “o interdito do incesto se propaga. Se propaga para o lado da castração” (Lacan 1974/1975, p.64). Quer dizer que os efeitos estruturais com os que trabalham a psicanálise implicam em não haver relação sexual como ponto onde não há ligação/encaixe. Há que preservar e sustentar esta noção porque é o que vai dar consistência aos outros registros. Apoiar-se na ideia de que não se diferencia a psicanálise de outras

práticas é sinônimo de passar por cima da interdição. Digo isto, porque é como se se tratasse de fazer um contínuo aos modelos pretensamente tamponadores da falta, munidos de subterfúgios imaginários como os assistencialistas, que ofertam assim, o que lhe falta ao outro; podemos incorrer em adentrar no borramento da diferença que não é para nada, sem consequências. As consequências, do nosso fazer implicam em relançar e se colocar a nomear, a dar nomes, porque a princípio não se sabe; por outro lado mantém algo de fundamental importância que não é misturar um suposto saber com algo imaginariamente sabido como reparador. Manter a tensão, conflituosa dos restos enquanto operação para relançar novamente.

No seminário “Os não – tolos vagueiam” (Lacan, 1973-1974), diz que há que se deter em fazer a trança, que não é três, senão que a terceridade, o Real é o que enlaça os outros dois, [... ele não é três, mas ele faz trança]. (p. 95). É preciso errar para fazer o nó e saber de que falamos quando temos uma práxis analítica. O convite a fazer a trança é que podemos ir fazendo as combinações necessárias até fazer nó, a priori não se sabe que letra tem cada fio, isto é, quando nos questionamos de significantes “atuais”, em que fio da trança estamos posicionados?

Tomando uma citação de Harari (2009, p. 27) que aponta a que “...o Outro é epocal, aí podemos entender não somente a invariância da estrutura, mas também a variabilidade no seio da estrutura. Ou seja, a estrutura pode mudar as suas combinações, mas não a sua combinatória.”

A psicanálise não trata de fazer o bem, trata-se do bem-dizer. Permutar um com o outro enquanto engano para ingênuos ou aqueles que se encontram longe disto, era um destino com o argumento de alcançar a subjetividade de sua época.

Se debruçar nos princípios norteadores, ou fundamentais é se colocar a falar e a pensar junto aos outros pares. Uma instituição é um espaço entre outros. A autorização ocorre entre alguns desses outros. Poder se autorizar a inovar, e também poder criar atos, mas dirigido para dentro da comunidade analítica, se é que isto se pode chamar assim.

Indagações surgem no sentido de como a psicanálise vai responder aos novos tempos? Sendo um saber inacabado, a psicanálise precisa se posicionar para

distinguir campos. Campos não são os territórios. Campo é da linguagem, assim Lacan aponta em “Função e Campo da fala e da linguagem” (1953).

Território³ é um lugar imaginário, onde se situa a população marginalizada. Houve tentativas de poder fazer chegar a psicanálise nestes espaços. Isto não quer dizer que não se possam criar formas de se fazer demandar o atendimento psicanalítico, a questão é que se trabalha com contornos definidos por categorias psicossociais, nesse lugar fugimos do campo da psicanálise. Estamos num campo sociológico ou como muito, o filosófico.

E mais, fazer atribuições de que o sofrimento maior vem de determinadas camadas ou classe social, tentando que a psicanálise chegue a determinados espaços, pode levar aos psicanalistas a uma inversão da demanda e a fazer inferências que se distanciam da ética da psicanálise.

Os afetos desenlaçados, amor, ódio e ignorância na instituição psicanalítica, como florescidos pelo recrudescimento das injustiças sociais durante e após a pandemia, daqueles que estando à margem ficaram ainda mais afastados. Houve respostas para fazer frente a esta situação de vulnerabilidade, com ações que a denunciam, propondo atuações. Neste sentido, a instituição psicanalítica corre o risco de tomar a cara de uma entidade e se sensibilizar com os afetados.

Se ocupar de uma falha, isto é reconhecer que a psicanálise não chegue para todos e criar dispositivos onde nos ocupamos daquilo que produzimos, isto é diferente de travestir a instituição como justiceira social. Insurgiram significantes obscuros, que deixam o campo analítico de fora, entre estes o significante “territórios”.

Pressupor que aqueles que mais gozam são os que mais sofrem, e por isso a psicanálise deve ir ao encontro para saldar uma dívida, parece já de início um péssimo engano. Delimitar territórios é uma coisa, sair do campo analítico é outra. Apostar a manter a tensão necessária para que o campo siga sendo a causa, a causa languageira.

Bibliografia

Harari, R. Constelações do Pai. In: Revista Clinamen. Revista de Psicanálise. Publicação de Maiêutica Florianópolis – Instituição Psicanalítica – Vol. 4. Gráfica: Nova Letra. 2009.

Lacan, J. (1953) Função e Campo da fala e da linguagem. *In* Escritos. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

Lacan, J. (1975-1975) O Seminário.22 R. S. I. *In* facebook.com/lacanempdf.

Lacan, J. (1901 -1981) O Triunfo da Religião precedido de Discurso aos Católicos. Rio de Janeiro: Zahar Editor. 2005

Lacan, J. (1973-1974). Os não-tolos vagueiam. Publicação não comercial. Salvador, Bahia. Espaço Moebius. 2016.

Lacan, J. (1967) Proposição de 9 de Outubro sobre o psicanalista da École. *In* Traço Freudiano Veredas Lacanianas Escola de Psicanálise. Edição Bilingue, Recife: 2001.